

Chapa 1 - Carlos Alberto e Laura Verrastro, venceu a eleição na UFRGS mas não assumirá.

Por que?

1. Temos vivenciado, nos processos eleitorais para a Reitoria, uma continuidade de posições, que responde a interesses conjunturais das administrações e das candidaturas propostas.
2. Na ASSUFRGS, em todos os processos, temos por princípios e democracia defendido intransigentemente que a participação por si só não é suficiente, mas sim a possibilidade da comunidade estar representada, reconhecida como sendo capaz, e em iguais condições de decisão. Defendemos paridade entre os segmentos, mas isso altera resultados.
3. A Chapa 1 venceu o processo em Voto Universal e na Paridade, mas foi propositalmente derrotada quando a Administração de Alex e Rui mantiveram por interesse o 70/15/15.
4. Não dá prá titubear: temos de resguardar as verdades do movimento popular, de defesa de democracia e autonomia; ao contrário, deixamos levar pela política da conveniência do poder. Nossa participação tem sido por concepção e não corporativa e o poder, que beneficia aos donos do poder, indiferentes às lutas históricas e a paradigmas democráticos.
5. As duas últimas gestões, Alex e Rui, têm nos feito refletir sobre os processos e as administrações que se autoproclamam “democráticas e legalistas”, mas que na verdade se caracterizam como as mais autoritárias nos últimos quase 25 anos na UFRGS: autoritárias, antidemocráticas e utilizando a UFRGS como máquina de poder e favorecimento de grupos.
6. Com isso, temos sido solicitados a incidir radicalmente na defesa dos pilares de sustentação da Universidade Pública, lutando pela reorientação das gestões quanto à autonomia e democracia, financiamento, prestação de serviços, assistência estudantil e condições adequadas de infraestrutura e condições de Ensino, Pesquisa e Extensão.
7. Temos ratificado: nossa UFRGS deve atender às demandas da sociedade garantindo que o modelo de desenvolvimento do país aconteça de forma autônoma, contando cada vez mais com as funções sociais e públicas da Universidade.

8. Disputar as concepções de autonomia, financiamento e democracia dentro da UFRGS significa a defesa de projetos societários diversos, que são expressos em como a universidade é dirigida.
9. Outra questão necessária de reorientar é a transparência na utilização dos recursos, bem como a decisão coletiva de onde aplicá-los, o que na UFRGS não acontece e é consequência do modelo fechado de administração.
10. É urgente o enfrentamento e a defesa da paridade nas eleições. Embora quase 70% das IFES adotem a paridade, segundo levantamento feito pela UnB, ainda existem cerca de 30% que não adotam a universalidade dos votos, incluindo a UFRGS, comprometendo o princípio da autonomia universitária e uma concepção ampliada de democracia, garantidoras das funções públicas de Estado nas Universidades Federais.
11. Nossa posição tem sido clara, desde o processo de 1996, realizado de acordo com as regras do governo; naquele momento a ASSUFRGS chamou a campanha **“Não Participe dessa Farsa”** e obteve 60% de adesão. Na sequência, em 2000, tivemos a campanha **“Democracia – Quero Inteira e Não pela Metade”** (60% dos Técnico-Administrativos não votaram na candidatura única e, dentre os que votaram, 28% não optaram pela proposta oferecida). Nesta evolução, nos processos que se sucederam, chegamos até o **"Voto Nulo"** e ao **"Oppermann Não"**, em 2016.
12. O histórico do processo atual se resumiu da seguinte forma: houve, por parte da atual administração, uma indisposição em levar a discussão à comunidade universitária e, em sessão do Conselho Universitário, foi referendada a manutenção do processo oficial para eleição de Reitor(a) e Diretores(as) de Unidades na UFRGS.

A Gestão Atual

13. Sem dúvida, foi uma gestão de interesses muito bem representados por falta de democracia, ações autoritárias (Login, Não Assinatura dos Planos de Flexibilização, falta de transparência financeira, distribuições de bolsas...), interesses de projetos de docentes, um modelo de gestão privada, corporativa, gestão de pessoal autoritária implantada pelas gerências administrativas, falta de democracia, meritocracia e uma arrogância que exacerba qualquer modelo de gestão autoritária.

14. Sustentada por blocos com interesses administrativos – Diretores de Unidades, e por visões corporativas, meritocratas e fisiológicas – se utilizou de bolsas de dinheiros de Fundações para cooptar trabalhadores, tendo sido ineficiente e impopular, o que se expressa na votação de Técnicos e Alunos em 2016, quando a Chapa da Situação, Rui Oppermann, foi derrotada por larga margem.
15. Quando observamos a disposição de não controle sobre a prestação de serviços executados pela UFRGS, verificamos que isto se tornou quase sinônimo de estabelecer relações com a parcela da sociedade que possui a capacidade de investir recursos financeiros na UFRGS, independente do que representa isto para a Instituição e suas funções sociais e públicas. São Protocolos, Convênios, Contratos, entre outros instrumentos legais, utilizados para captação de dinheiro em troca de prestação de serviços e tecnologia baratos – atividades acadêmicas sendo subvencionadas por serviços, interferência em currículos, determinação de pesquisas, etc.
16. Ainda, por exemplo, quando verificamos que Unidades e Setores foram em parte conscienciosos quanto à cobrança de cursos acadêmicos vê-se, claramente, que a privatização faz parte dos conceitos utilizados por uma parcela significativa da UFRGS.
17. Quando à administração, não quis falar de Democracia nos processos de “eleição” ou representação paritária nas instâncias da UFRGS, demonstrando seu interesse na manutenção do poder e a subserviência aos processos excludentes; basta verificar que o resultado da consulta 2016 indicaria Chapa de oposição como vencedora se fosse considerada paridade entre os integrantes da comunidade.
18. Quanto à prática administrativa, não é muito difícil buscar o entendimento da administração, que buscou ter setores comprometidos com a gestão a partir da centralização autoritária, impositiva, identificada com uma estrutura corporativa empresarial, marcada notadamente pela inexistência de um projeto estratégico inclusivo e unificador, com processos de construção coletiva de decisão, que respondesse a uma identidade quanto à concepção de Universidade Pública defendida pelas organizações de classe e populares.
19. Na questão do processo eleitoral para escolha do novo Reitor da UFRGS, a alternativa oferecida pela administração foi a de nos submetemos à Lei - antidemocrática,

corporativa, meritocrata. A administração Alex e Rui foi chamada a se posicionar contra o regramento de consulta à comunidade universitária, mas se constatou o constrangimento e a indisposição. A democracia do governo, respaldada na UFRGS, não se diferencia em nada aos processos de gestão das empresas privadas, onde é dado ao trabalhador o direito de “intervir” no processo produtivo, com a contrapartida do comprometimento com as metas empresarias – sustentadas pelo individualismo e pelo desemprego.

Nossa Democracia

20. A posição do campo democrático da universidade mais uma vez fez com que nos diferenciássemos neste processo de eleição para Reitor(a): nossa posição foi por um processo democrático, nosso entendimento foi por consulta paritária.
21. Nos referenciamos pela FASUBRA, que tem posição em relação à participação no processos eleitorais e nas consultas compulsórias à comunidade universitária: não participação e denúncia à sociedade; onde deixamos clara a exceção feita a esta posição que se localiza nas Universidades com conjunturas onde o movimento tem candidato e este está comprometido com as teses da FASUBRA e do Movimento Popular.
22. Portanto, nossa posição em relação ao processo vigente na UFRGS, acertadamente, foi de contrariedade ao processo e a participação alinhada ao Voto Nulo e Oppermann Não, como protesto, e em defesa da Chapa 1, que representou as pautas dos movimentos sociais e da comunidade acadêmica comprometida com as funções públicas da UFRGS.

A Candidatura de Carlos Alberto e Laura, Chapa 1

23. Se formos analisar se a Chapa 1 estava alinhada com o Movimento, esta teve uma proposta de gestão inserida na defesa da Universidade Pública, e podemos desenvolver a análise em dois momentos para a sua sustentação:
24. 1º - quanto à origem, os candidatos têm vínculo e comprometimento histórico com a democracia e autonomia das universidades públicas, além de estarem alinhados com as compreensões acadêmicas e com as pautas dos movimentos sociais;

25. 2º - a gestão propunha uma visão comprometida com as funções públicas de Estado das IFES em várias questões, como por exemplo:
26. na questão do financiamento, defende a transparência e a democracia como instrumentos de definição e inclusão social, apontando para processos promotores da discussão para as tomadas de decisões, apontando de forma significativa para a concepção de universidade popular e para uma definição de planejamento de forma coletiva;
27. quanto às questões acadêmicas, com estas políticas, permite a interferência direta da comunidade na construção de currículos, projetos de extensão e de pesquisas para satisfazer os “desejos” e necessidades da sociedade;
28. na questão dos trabalhadores, orienta para uma reversão da terceirização e para a democratização das relações de trabalho.

A Questão do Processo

Fomos contrários e deixamos claro que democracia pressupõe princípios básicos:

29. admitir as diferenças com respeito às legitimidades individual, coletiva e institucional;
30. nossa visão de Processo de eleição para as IFES, em sustentação à Autonomia Universitária que defendemos, é de que este tenha começo e fim na Instituição;
31. todos têm direito a se manifestar;
32. todos temos o mesmo valor, enquanto seres humanos e cidadãos e, portanto, o voto deve ser paritário nesta conjuntura.

33. Estas posições nos remeteram à essência de nossa posição e de nosso discurso: não nos dobramos aos interesses que não sejam os dos trabalhadores, da sociedade e das funções de Estado.

34. Nossa posição é de defesa intransigente de um processo democrático, capaz de garantir uma Universidade Democrática, para com isto ser capaz de ser Pública e Popular.

Nossa UNIDADE com Docentes e Estudantes de Graduação e Pós-Graduação

As questões já estavam colocadas na discussão, pela cultura ou pela conjuntura:

35. construção de um processo eleitoral paralelo e simultâneo à consulta – preferencialmente, mas não impeditivo, gerado em conjunto com as Entidades representativas da comunidade acadêmica;

36. participação da Consulta, por Voto Nulo, posição Congressual, e Oppermann Não, decisão de Assembleia da categoria;
37. admissão da paridade por segmento, como elemento estratégico para a democratização das relações na UFRGS;
38. denúncia do processo eleitoral, da falta de democracia e da posição intransigente da administração de não se aproximar do movimento para discutir e construir um processo autêntico e democrático;
39. apropriação do período para a construção de um programa mínimo, a ser oferecido ao próximo Reitor(a).

Resultado da Consulta

40. Resultado das Eleições 2016

41. Discentes

Chapa 1 - 2073

Chapa 2 - 435

Chapa 3 - 1280

Branco - 22

Nulos - 98

42. Docentes

Chapa 1 - 629

Chapa 2 - 286

Chapa 3 - 1112

Branco - 32

Nulos - 53

43. Técnicos

Chapa 1 - 994

Chapa 2 - 110

Chapa 3 - 465

Branco - 21

Nulos - 167

Em uma rápida verificação estatística, a partir de uma análise que se apresenta como representativa pela consulta, podemos destacar alguns dados:

44. **63,4%** dos Técnico-Administrativos, **54,8%** dos Alunos e **31%** dos Docentes votaram na candidatura da Chapa 1, o que demonstra que a grande maioria da Comunidade Universitária tem acordo com as propostas apresentadas;
45. **66,2%** dos Técnicos, **71,4%** dos Alunos e **45,1 %** dos Docentes não votou na Chapa 3, de Alex e Rui, que no Processo 70/15/15 foi vencedora;
46. se juntarmos Brancos e Nulos da Consulta, relativos à participação dos Técnico-Administrativos, contabiliza **10,6%** dos votos;

Primeira Avaliação das Posições da ASSUFRGS aprovadas pelos Técnico-Administrativos

47. Verificados os resultados, constatamos que houve uma adesão muito segmentada da Comunidade à Consulta: dos 37.323 alunos, votaram 3.908 (10,5%), dos 2.656 Técnico-Administrativos votaram 1.757 (66,2%); dos 2.872 docentes votaram 2.112 (73,5%). Os números podem ser entendidos por diferentes fatores, mas particularmente: para os Alunos, inexistência de relação com a administração atual, desconhecimento do processo e inexpressão política na eleição; para os Técnico-Administrativos, alinhamento com o Sindicato e inexpressão política na eleição; para os Docentes, ruptura ou interesse na manutenção do modelo de gestão.
48. Foi acertada a posição de participarmos da Consulta e as posições construídas pela ASSUFRGS – aprovadas nas instâncias do Sindicato, principalmente se observarmos que mais de 2/3 dos Técnico-Administrativos não votaram na candidatura da atual administração. As posições, construídas democraticamente em diferentes instâncias e em debates democráticos, teve repercussão principalmente entre os Técnico-Administrativos, demarcando pela paridade e contra a Chapa 3, que é a continuidade da administração Alex e Rui (Chapa 3).
49. A construção da ASSUFRGS foi determinante para a posição construída e nossa militância foi unificada na maioria dos Técnico Administrativos, organizados no Sindicato, sendo capaz de impor uma ofensiva maior e de demarcar nossa identidade com a posição política.
50. A Chapa 1 - Carlos Alberto e Laura Verrastro, foi a vencedora política da eleição para a Administração da UFRGS no próximo período.

51. Cenários de Contabilização dos Votos

A partir da contabilização dos votos, são apresentados alguns cenários onde se consolidam os seguintes resultados:

52. Primeiro Cenário: 70-15-15

Fórmula: $Ni = kp.pi/p + kt.ti/t + kA.Ai/A$

Chapa 1: $Ni = 0,75 * 629/2872 + 0,15 * 994/2656 + 0,15 * 2073/37323 = 0,228727$

Chapa 2: $Ni = 0,75 * 286/2872 + 0,15 * 110/2656 + 0,15 * 435/37323 = 0,082647$

Chapa 3: $Ni = 0,75 * 1112/2872 + 0,15 * 465/2656 + 0,15 * 1280/37323 = 0,321796$

53. Segundo Cenário: Paridade

Fórmula: $Ni = kp.pi/p + kt.ti/t + kA.Ai/A$

Chapa 1: $Ni = 1/3 * (629/2872) + 1/3 * (994/2656) + 1/3 * (2073/37323) = 0,216267$

Chapa 2: $Ni = 1/3 * (286/2872) + 1/3 * (110/2656) + 1/3 * (435/37323) = 0,050884$

Chapa 3: $Ni = 1/3 * (1112/2872) + 0,15 * 465/2656 + 0,15 * 1280/37323 = 0,160468$

54. Terceiro Cenário: Voto Universal

Fórmula: $Ni = \text{Votos Docentes} + \text{Votos Técnicos} + \text{Votos Alunos}$

Chapa 1: $Ni = 629 + 994 + 2073 = 3696$

Chapa 2: $Ni = 286 + 110 + 435 = 831$

Chapa 3: $Ni = 1112 + 465 + 1280 = 2857$

55. Quarto Cenário: 70-15-15 (juntando os votos das Chapas 1 e 2)

Fórmula: $Ni = kp.pi/p + kt.ti/t + kA.Ai/A$

Chapas 1 e 2: $Ni = 1/3 * (915/2872) + 1/3 * (1104/2656) + 1/3 * (2508/37323) = 0,267151$

Chapa 3: $Ni = 0,75 * 1112/2872 + 0,15 * 465/2656 + 0,15 * 1280/37323 = 0,321796$